



APRENDIZAGEM CRIATIVA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: POSSIBILIDADES E POTENCIALIDADES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Creative Learning in the Supervised Internship: Possibilities and Potentialities for Child Education

Sheyla Maria Fontenele Macedo ¹

Iandra Fernandes Caldas ²

Renata Paiva de Freitas ³

Resumo: O artigo é original e retrata a vivência documentada do Estágio Supervisionado I, realizado em escola da rede pública municipal da Educação Infantil, no curso de Pedagogia, a partir da ótica da “Aprendizagem Criadora”. A pesquisa é de natureza qualitativa, fundada no paradigma fenomenológico interpretativo, e se estrutura a partir da pesquisa teórica, com revisão de literatura, sendo o segundo momento marcado pela pesquisa documental e relato de experiência, a partir do uso dos “Diários de Campo Reflexivos” produzidos pelos/as alunos/as de estágio. A problematização incide sobre como realizar um estágio supervisionado que promovesse significativas e criativas aprendizagens, no formato remoto. O objetivo geral é o de partilhar rotas de aprendizagem criativas e criadoras a partir da vivência prática do estágio supervisionado na Educação Infantil. O trabalho foi organizado em três subtítulos, em que dialogamos sobre concepções de Aprendizagem Criativa, os sentidos do estágio na Educação Infantil e a “Docência Criativa”. Como resultado, destacamos que a Aprendizagem Criativa abre portas formativas no sentido de repensar a criatividade como prática docente. Neste sentido, concluímos que o “pensar, sentir e fazer criativos” são rotas a serem incluídas na formação inicial do/a professor/a.

Palavras-Chave: Aprendizagem Criativa. Estágio supervisionado. Educação Infantil.

Abstract: The article is original and portrays the documented experience of the Supervised Internship I, held in a municipal public school for Early Childhood Education, in the Pedagogy course, from the perspective of "Creative Learning". The research is qualitative in nature, based on the interpretive phenomenological paradigm, and it is structured from theoretical research, with literature review, the second moment being marked by documentary research, and

¹ Doutora em Educação pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEL). Professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7973-4773> E-mail: sheylafontenele@uern.br

² Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Professora do Departamento de Educação, do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7298-6065> E-mail: iandrafernandes@uern.br

³ Mestra em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professora da Educação Básica, da rede Municipal de Pau dos Ferros (RN) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9158-8548> E-mail: renatapadagoga06@gmail.com

experience report, from the use of "Reflective Field Diaries" produced by Internship students. The problematization focuses on how to carry out a supervised internship that promotes significant and creative learning, in the remote format. The general objective is to share creative and creative learning routes from the practical experience of the Supervised Internship in Early Childhood Education. The work was organized into three subtitles, in which we dialogued about conceptions of Creative Learning, the meanings of the stage in Early Childhood Education and "Creative Teaching". As a partial result, we emphasize that Creative Learning opens formative doors in the sense of rethinking creativity as a teaching practice. In this sense, we conclude that "thinking, feeling and doing creatively" are routes to be included in the initial training of the teacher.

Keywords: Creative Learning. Supervised internship. Child education.

1 Para começo de conversa...

[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 2005, p.79).

Neste trabalho, ousamos trazer uma temática original sobre a experiência do estágio supervisionado no curso de Pedagogia, a partir da ótica da "Aprendizagem Criadora", de Mitchel Resnick (2020). A pesquisa é de natureza qualitativa, assentada no paradigma fenomenológico interpretativo. Fundamenta-se em dois pilares, o primeiro da ordem teórica, com base em revisão de literatura. E o segundo alicerçado na pesquisa documental, complementada pelo Relato de Experiência (RE), a partir do uso dos "Diários de Campo Reflexivos" produzidos pelos/as alunos/as de estágio, em que tomamos os estudos de Zabalza (2009) como bússola.

Sobre a pesquisa documental, esta é, segundo Gil (2008), uma fonte abastada e consistente de dados, já que implica registros de natureza escrita. Ele ainda acrescenta que, além de baixos custos, prescinde da comunicação imediata com os participantes. Ou seja, não é uma pesquisa que envolva riscos de qualquer natureza, já que não prevê o contato direto com seres humanos. Gil (2008) também nos chama a atenção para a seguinte tipologia que envolve essa classe de pesquisa: a) Documentos que não receberam tratamento analítico, tais como documentos legais, institucionais etc.; b) Aqueles que já foram processados, assim como relatórios, tabelas etc. Nosso caso se classifica neste item, os Diários de Campo.

No que se refere à metodologia do RE, essa foi a abordagem metodológica adotada para apresentação dos resultados alcançados a partir dos Diários de Campo, em que nos baseamos na perspectiva de Lyotard (1987, 2004), de que o conhecimento e o saber atingem o *status* de legitimidade quando são relatados, descritos e historicizados por aqueles que os experimentaram, que os vivenciaram, e que, por essa razão, são qualificados por Lyotard (1987, 2004) como "operadores do saber científico".

O trabalho foi impulsionado a partir dos desafios que nós, enquanto professoras supervisoras de estágio, encontramos diante da necessidade de realizar um estágio na etapa da Educação Infantil, no formato remoto, em circunstâncias nas quais nos encontrávamos inseridas



no cenário pandêmico atribuído à Covid 19⁴. Foram muitos os questionamentos que nos sondaram, mas efetivamente aquele que nos motivou a escrever esta pesquisa foi: Como realizar um estágio que promovesse significativas e criativas aprendizagens, no formato remoto? Logo, é objetivo geral deste artigo “partilhar rotas de aprendizagem criativas e criadoras a partir da vivência prática do estágio supervisionado na Educação Infantil”.

A questão problema nos remeteu à jornada realizada, e nos levou a perpassar por alguns atalhos epistêmicos, fundantes deste trabalho, razão pela qual estruturamos este manuscrito em três títulos: a) A “Aprendizagem Criativa” e “Criadora”; b) O estágio supervisionado na Educação Infantil: sentidos, significados para a “Docência Criativa”; c) 3 A Aprendizagem Criativa no estágio supervisionado: a Educação Infantil em foco.

O estágio como Aprendizagem Criativa e Criadora foi uma possibilidade a qual não imaginávamos experimentar, e que só nos apropriamos após entrarmos em contato com as leituras de Resnick (2020). Esses estudos nos remeteram a várias “desconfigurações internas”, em que inicialmente passamos para revisitar o conceito de aprendizagem, descobrindo que “A aprendizagem criativa existe no dia a dia das pessoas. Ela está presente na prática de educadores, em seu esforço de criar uma experiência significativa para seus alunos, e na prática de aprendizes, que mergulham de cabeça em um universo de experimentação e descoberta” (RESNICK, 2020, p.18). Foi assim que nos deparamos diante da perspectiva de recriar uma docência criativa e criadora, diante das dúvidas geradas pelo ambiente novo do ensino via remoto, exatamente em um componente prático, que, a nosso ver, exigia o estado “presencial”.

O campo de estágio na Educação Infantil nos projetou à reflexão de que novos arranjos podem ser organizados, e que o “medo” do novo precisaria ser revisitado. O fato de esse ser o primeiro contato dos/as alunos/as com a “hora da prática”, o momento em que de fato conheceriam de perto uma das possibilidades que o curso de Pedagogia tem a oferecer, passamos também a compreender que não existe um só caminho para ensinar, e nem há um só formato para aprender e adquirir valores que enriqueçam o currículo profissional. O estágio é zona de “saber”, ou conforme Lima e Pimenta (2006, p.6), ele : “[...] se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental”.

Outra pauta, não menos relevante, diz respeito à descoberta dos Diários de Campo enquanto instrumentos facilitadores e criativos, isso porque, de acordo com Zalbalza (2008, p.13), “[...] são os documentos em que professores e professoras anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas [...]. Os “diários” não têm porque ser uma atividade diária”. Percebemos que as anotações dos/as estagiários/as se converteram em escritas eticamente comprometidas com os seus saberes e suas práticas, o que revelou o contexto reflexivo dos Diários de Campo, razão pela qual adjetivamos o instrumento de “Diário de Campo Reflexivo”, já que também denotaram um forte componente de autoconhecimento, auto-observação e autoconsciência.

A experiência depois de vivida e seus percalços superados passou a ser uma fonte de inspiração para outros trabalhos nossos enquanto supervisoras de Estágio, e que, inclusive, gerou a motivação para revisitar outras práticas cristalizadas em nosso labor profissional. Afinal, a Aprendizagem Criativa desenvolve conexões pessoais, em que o primeiro a ser surpreendido diante de suas novas competências é o/a próprio/a professor/a!

⁴ COVID-19 foi uma doença infecciosa e contagiosa, causada pelo Coronavírus SARS-CoV-2, e que assolou a população mundial, mais precisamente a partir de março de 2020.



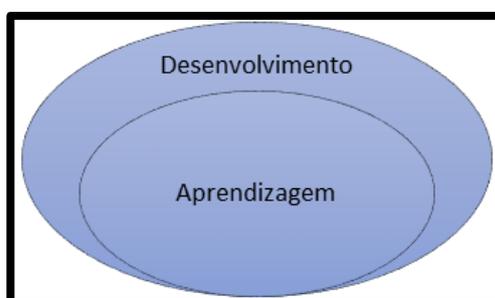
2 A “Aprendizagem Criativa” e “Criadora”

A aprendizagem é um processo pelo qual os seres humanos adquirem informações, desenvolvem habilidades, atitudes, constroem valores em interação com o mundo, não como um mero receptáculo que absorve a realidade. É um fenômeno que requer um participante ativo e interativo de seu próprio cenário, experiência, contexto. Exige, portanto, o incremento autônomo e dinâmico na reconstrução dos próprios recortes cognitivos. Aprender a pensar é condição *sine qua non* para se “posicionar” no mundo, entretanto, o “aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas” (VYGOTSKY, 2007, p.92).

O processo de formalização do conhecimento proposto pela escola não é a única fonte que o Ser possui para aprender. Aqui tomamos a concepção de “Ser” trazida por Macedo (2018), que a concebe como a essência do que realmente somos, a substância máster anímica, e que se configura a partir dos corpos físico, mental, emocional, social, cultural. O “Ser” se encontra envolto no processo do “devir”, que tem o sentido do “vir a Ser”, e que se materializa nas experiências que o transformam. Nesse sentido, é a escola o espaço natural e intencional para que essas mudanças e essas transformações positivas aconteçam.

Nessa perspectiva, compreendemos que as capacidades humanas, se em parte são inatas, por outro lado, necessitam da experiência social com o outro para que o desenvolvimento humano se incremente. O que significa que aprendemos, nos transformamos em qualquer situação vivida (VYGOTSKY, 2001). A aprendizagem é implícita à natureza humana, e se acredita existir uma associação desta com o processo de desenvolvimento da própria espécie humana. Em suma, a educação terá de prever o imbricamento entre os fatores onto e filogenéticos, o que significa que o individual estará para a nossa construção enquanto espécie, e que o inverso também é verdade. Ou seja, o aprendizado e o desenvolvimento são processos de troca recíproca entre o indivíduo, o meio, o espaço, o tempo, a cultura e que se estabelecem no curso da vida. Em outras palavras, essa relação é indissociável, e interfere diretamente na consecução de uma vida humana plena, que se potencializa nas esferas biológica, intelectual, emocional e social. Esse esquema relacional, representado na Figura 1 e fundamentado em Vygotsky (2007, p.93), é, “[...] esquematicamente, a relação entre os dois processos poderia ser representada por dois círculos concêntricos, o menor simboliza o processo de aprendizado, e o maior, o processo de desenvolvimento evocado pelo aprendizado”.

Figura 1 - Relação Desenvolvimento e Aprendizagem



Fonte: A partir de Vygotsky (2007, p. 53).

Aprendizagem e desenvolvimento inter-relacionam-se em um movimento dialético e concêntrico em que o ponto comum é a ação do “Ser”. Esse autor considera ainda que o aprendizado possui uma sequência e organização características, seguindo uma lógica e um

tempo singulares para cada indivíduo (VYGOTSKY, 2007). O mesmo ocorre com o processo de desenvolvimento, não devendo, assim, esperar uma coincidência desses dois processos.

Para compreender e analisar o espaço da aprendizagem, é preciso um projeto que defina de forma clara e pontual como aprendem e o que devem aprender os estudantes. Nesse caso, podemos destacar as metodologias ativas, elas não são uma proposta recente. Desde o século passado, já se defendiam as experiências educacionais que valorizavam o aprender fazendo. O filósofo e pedagogo norte-americano John Dewey foi um dos estudiosos a favor dessa linha de pensamento.

No Brasil, Paulo Freire já defendia, nos anos de 1990, que as experiências de aprendizagem deveriam despertar a curiosidade dos estudantes, favorecendo a conscientização de sua realidade e a transformação pela construção de conhecimento. A curiosidade, sob esta ótica, desvela o “ser criativo”, já que o impulso e a vontade são forças psíquicas mobilizadoras do saber, corroborando para a consolidação dos processos de aprendizagem. Não pode haver aprendizagem, onde não há um ser “curioso”. Desperta a curiosidade, e os princípios criadores e criativos serão irremediavelmente mobilizados.

Segundo o educador e pesquisador do tema, José Moran (2019), outros importantes pesquisadores da educação trouxeram incontáveis contributos à temática da aprendizagem demonstrando, ao longo de todo o século XX, como as pessoas aprendem de maneira ativa. Destacamos: David Ausubel (1963) – aprendizagem significativa; Carl Rogers (1985) – aprendizagem centrada na pessoa; Jean Piaget (1979) – aprendizagem e conhecimento; Lev Vygotsky (1993) – aprendizagem e desenvolvimento; Jerome Bruner (1991) – aprendizagem sob abordagem cognitiva. Um ponto comum entre as obras é o questionamento sobre as práticas escolares unificadas para todos os estudantes – aqueles que priorizam a transmissão de conhecimento e aplicam um modelo único de avaliação, sem levar em conta o contexto de cada indivíduo e o que realmente é relevante para cada um.

No momento atual, ultra conectado por meio da tecnologia, tornou-se ainda mais urgente essa abordagem educacional que trabalha com temas significativos para os estudantes, de forma que possa contribuir para uma leitura crítica das informações que chegam até eles e para a formação de uma consciência sobre a própria realidade.

Ao longo de toda a vida, aprendemos, de maneira ativa, em nossos meios: familiar, social, escolar e profissional. Desde nosso nascimento, aprendemos em situações concretas de enfrentamento de desafios cada vez mais complexos. Nesse processo de aprendizagem contínuo e ininterrupto, as metodologias ativas propõem atividades centradas nos estudantes, colocando-os no papel de protagonistas da sua aprendizagem. Propiciando aprendizagem por descoberta, em um processo investigativo para a resolução de problemas.

[...] as metodologias ativas procuram criar situações de aprendizagem nas quais os aprendizes passam a fazer coisas, pensar e conceituar o que fazem e construir conhecimentos sobre os conteúdos, envolvidos nas atividades que realizam, bem como desenvolver a capacidade crítica, refletir sobre as práticas realizadas, fornecer e receber feedback. Aprender a interagir com colegas e professor, além de explorar atitudes e valores pessoais (MORAN, 2018, p.28).

Dessa forma, podemos destacar três premissas das metodologias ativas: 1- O protagonismo do estudante (propõe uma participação ativa do estudante no processo de construção do conhecimento); 2- A ação-reflexão (propõe atividades práticas que proporcionam investigação, experimentação e criação, seguidas de reflexão sobre as experiências vivenciadas); 3- Colaboração (construção em parceria, co-criação, em que todos vivenciam



experiências de construção coletiva e colaborativa, além de aprender a lidar com o pensamento divergente).

Algumas das características comuns às metodologias ativas são o trabalho em grupo e as propostas “mão na massa”, que priorizam a interação entre os estudantes e a criação. A ressignificação dos espaços de aprendizagem também é um aspecto relevante dessa proposta – afinal, não faz sentido que elas sejam realizadas sempre em um espaço tradicional de sala de aula, onde o professor se coloca à frente da classe, como centro das atenções. Por último, a diversidade das avaliações e seu uso como instrumento de autoavaliação entre os pares também é fundamental para identificação e regulação das aprendizagens.

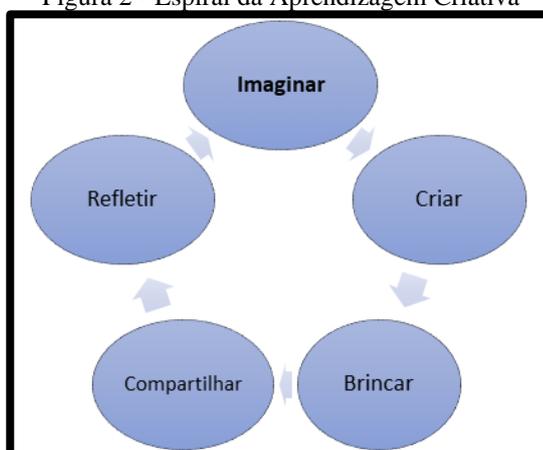
Sobre o ensino “mão na massa”, trata-se de uma proposta que valoriza o fazer, a criação. O trazer atividades para as mãos atribui valor à experiência prática, permitindo que os estudantes materializem suas ideias, seus projetos e seus desejos. Os processos criativos dessa linha de trabalho prezam pela colaboração e empatia.

Em comunhão com as metodologias ativas está a “Aprendizagem Criativa”, que é uma abordagem educacional criada por Mitchel Resnick, pesquisador do *Lifelong Kindergarten*, do *MIT Media Lab*, local onde foram criados projetos como o *Scratch*, os espaços de criatividade chamados de *Club Houses*, os *kits* de robótica LEGO Mindstorms, entre diversos outros projetos criativos, frutos das pesquisas de sua equipe (RESNICK, 2020).

Alguns pensadores inspiraram a Aprendizagem Criativa, como Piaget (com suas contribuições sobre a construção de conhecimentos pelo estudante), Dewey e a educadora italiana Maria Montessori (influenciadores do movimento escolanovismo, em que se prezava pela educação centrada na criança) e Paulo Freire (com sua pedagogia libertadora, voltada para a emancipação humana). Vimos, assim, que são muitos os teóricos que inspiram a Aprendizagem Criativa e que também são base para as metodologias ativas.

Nascida nesse contexto, a Aprendizagem Criativa baseia-se, portanto, na ideia de desenvolver conexões pessoais utilizando elementos lúdicos para estimular a criatividade, a imaginação, a colaboração e os interesses dos estudantes. Propõe-se que o aprendizado, nessa abordagem, seja realizado através de uma dinâmica a que se dá o nome de “espiral da aprendizagem criativa” (RESNICK, 2020), a saber:

Figura 2 - Espiral da Aprendizagem Criativa



Fonte: Resnick (2020, p. 40).

Não podemos ensinar todas as rotas para que nossos educandos sejam criativos. No entanto, enquanto educadores, podemos descobrir as melhores estratégias formativas que



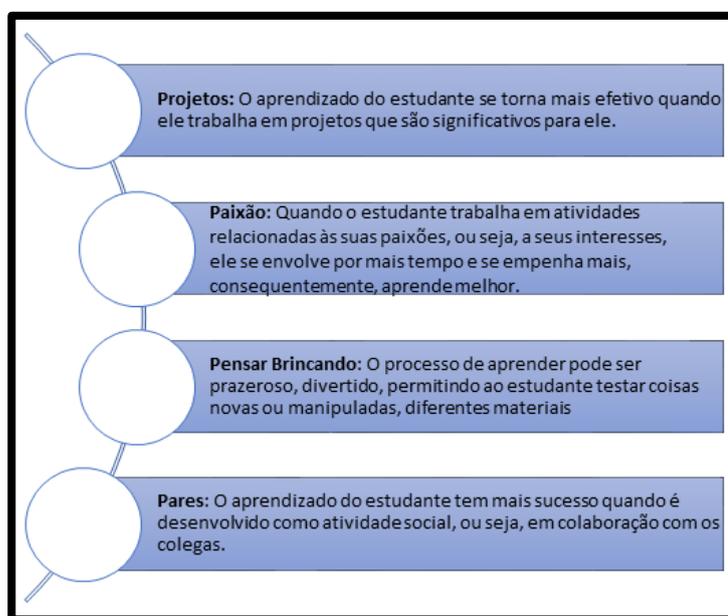
possibilitem momentos de aprendizagens significativos, de modo que essa criatividade latente seja despertada. Enquanto as crianças brincam com peças de montar, constroem castelos e contam histórias etc., elas se envolvem com todos os aspectos do processo criativo:

A espiral de aprendizagem criativa é o motor do pensamento criativo. À medida que as crianças do jardim de infância percorrem a espiral, elas desenvolvem e refinam suas habilidades como pensadoras criativas, aprendem a desenvolver as próprias ideias, testá-las, experimentar alternativas, obter as opiniões de outras pessoas e criar ideias baseadas em suas experiências (RESNICK, 2020, p.41).

Dessa forma, Resnick (2020, p.40) exemplifica que, um projeto espiralado poderá ter como ponto de partida o “Imaginar” em que “[...] as crianças começam a imaginar um castelo de fantasia e a família que vive nele”, depois perpassariam pelo “Criar”, já que “imaginar não seria suficiente” (RESNICK, 2020, p.40). O “Brincar” sucederia nesta espiral de Aprendizagem, em que a criança estaria “sempre interagindo e fazendo experiências com suas criações” (RESNICK, 2020, p.40). Na sequência, o “Compartilhar” ideias entre si seria a rota natural, com o acréscimo do “Refletir”, retornando ao ponto de partida, “Imaginar”, que agora estaria expandido, com base nas experiências passadas pela espiral.

Reconhecemos que é fundamental cultivar a criatividade nos estudantes por meio dos trabalhos em projetos baseados em suas paixões, em colaboração com seus pares e mantendo o espírito do pensar brincando. O processo de aprendizagem do estudante pode ser guiado por 4Ps da aprendizagem criativa, a saber:

Figura 3 - 4Ps da Aprendizagem Criativa



Fonte: Resnick (2020, p.45).

Nessa dinâmica, o papel do professor passa a ser o de orientador, *designer* de atividade e coparticipante dos acontecimentos em sala de aula, trata-se de entender que precisamos mudar as práticas, para que elas se tornem interativas e interpessoais. O professor é responsável pelo planejamento de estratégias, organização do espaço e escolha de materiais para proporcionar

uma aprendizagem significativa e criativa para os estudantes. Mas estes, por sua vez, terão, com base na Aprendizagem Criativa, o papel de “mentores” de sua própria aprendizagem.

3 O estágio supervisionado na Educação Infantil: sentidos, significados para a “Docência Criativa”

Uma das experiências mais significativas no processo formativo do discente de cursos de graduação é o estágio supervisionado, por proporcionar vivências e o contato com a área de trabalho, singularmente nos cursos de licenciatura, o que permite o aperfeiçoamento da capacitação profissional, interligando a relação teoria e prática. Pode-se, ainda, afirmar que o estágio supervisionado possibilita que o futuro docente adquira conhecimentos, saberes teórico-práticos, que desenvolvam habilidades fundamentais à sua competência pedagógica. Nesta perspectiva, Caldas (2013) agrega que:

[...] Aprender a profissão docente nos cursos de licenciaturas, especificamente nos estágios supervisionados, supõe estar conectado à realidade da escola em sua contextualização na sociedade. Nessa perspectiva, corroboramos com as autoras que as aprendizagens desenvolvidas no âmbito do estágio escolar possibilitam ao formando uma real aproximação com a relação teoria e prática[...] (CALDAS, 2013, p.56).

Ressalta-se o trajeto indispensável durante o estágio supervisionado para aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos durante a formação acadêmica. Nesse sentido, o trajeto se dá de forma simultânea, a partir das discussões em sala de aula e das experiências vivenciadas no campo de atuação do estágio pelo discente em formação. Destaca-se a possibilidade do estabelecimento colaborativo de parcerias entre as instituições formadoras e de ensino, possibilitando benefícios e troca de experiências entre as partes envolvidas. Isso é corroborado com Dauanny, Lima e Pimenta (2019, p.5) quando os autores destacam que “[...] o estágio é uma atividade curricular chave para a concretização de um modelo formativo que melhor prepare o futuro professor para o enfrentamento das demandas da prática pedagógica”.

Mediante a trajetória acadêmica, os discentes deparam-se, inicialmente, com os saberes teóricos, aqueles que são fundamentais para compreender todo o processo de aprendizagem e da formação docente. No decorrer da graduação, eles começam a construir os saberes experienciais por meio dos estágios, que têm o objetivo de auxiliar a formação inicial dos futuros docentes e incorporar os saberes teóricos às práticas educativas desses alunos. Os processos educativos acontecem de forma livre e flexível, respeitando as especificidades e circunstâncias de cada um; além disso, o tempo de aprendizagem torna-se adaptável a cada cenário.

Na mesma perspectiva, Azevedo e Menin (2021) destacam o importante papel educativo dos pedagogos em seus diferentes espaços de atuação, pois desempenham a função de mediadores e articuladores de aprendizagens em uma organização. Nas palavras de Tardif (2011), os professores não abandonam totalmente os saberes da formação, os saberes disciplinares e curriculares, mas os “retraduzem” para o contexto de sua prática, construindo, assim, os saberes experienciais.

No que se refere ao curso de licenciatura em Pedagogia, a primeira experiência na esfera do estágio supervisionado acontece na Educação Infantil. É importante ressaltar que a Educação Infantil passou a ser assegurada por lei a partir da Constituição Federal de 1988, que a concebe como um “direito do estado” (BRASIL, 1988). Esse avanço se agregou ao da atual Lei de

É preciso, portanto, pensar sobre o “ensino” da criatividade na formação docente. Ele tem passado despercebido, se ocultado, escamoteado. Ademais, a experiência docente, que não está restrita à sala de aula, vai muito além das práticas pedagógicas previsíveis, restritas a planejamentos curriculares “objetivados”, à elaboração de planos de ensino “milimetricamente dimensionados”, e que, em parte das vezes, se tornam “engessados”, pois sequer incluem as dúvidas, as incertezas (MORIN, 2000) e o improviso em seus contextos. O que a Aprendizagem Criativa desvenda é que o ensino precisa estar vinculado à vida, e o improviso, por exemplo, é parte dela. Logo, a docência criativa também inclui a destreza para a arte do “improvisar”. O improviso é natureza e constitui-se em experiência viva da profissão docente. Para tornar o improviso em atividade pedagógica, a criatividade se faz eminente.

Também consideramos que a rota do autoconhecimento é a trajetória na formação de uma docência criativa. Isso porque não se pode empreender esse caminho, sem que o próprio docente “Seja” aquilo que pretende ensinar. A dimensão do “Ser” é fundamental nessa construção (MACEDO, 2018). Ser criativo é condição, portanto, para que se empreenda à docência nesta rota assinalada. Logo, os docentes, supervisores de estágio, professores da Educação Infantil e estagiários precisam criar oportunidades para que a criatividade faça parte de sua idiossincrasia, pois só assim poderão despertar nos alunos a curiosidade de aprender e criar, quer seja através do brincar no coletivo com os colegas ou no individual com o brinquedo, ou em quaisquer outras atividades pedagógicas propostas.

O estágio supervisionado na Educação Infantil é, ainda, a nosso ver, enquanto professoras formadoras, a fase fundamental para que os estagiários desenvolvam a criatividade, de modo que possam compreender o lúdico, as emoções, a zona do sentir como partes da mesma formação. Essas zonas elucidadas vão literalmente ao encontro da abordagem pedagógica da Aprendizagem Criativa, em que o próprio processo formativo do pedagogo contemplaria o desenvolvimento integral do “Ser” e se daria em formato metodológico espiralado, em que se forjaria uma nova cultura docente, com base em novas ideias e práticas, que gerariam outras e outras, em um processo de incremento profissional ininterrupto. Infortunadamente, o movimento “espiralado da criatividade” é interrompido muito antes de entrarmos em nossos cursos de formação:

Infelizmente, após o jardim de infância, a maioria das escolas se distancia da espiral da aprendizagem criativa. Os estudantes passam grande parte do tempo sentados em suas cadeiras, preenchendo planilhas e ouvindo as lições, seja de um professor na sala de aula, seja de um vídeo no computador. Na maioria das vezes, as escolas enfatizam a transmissão de instruções e informações em vez de auxiliar os estudantes no processo de aprendizagem criativa (RESNICK, 2020, p.42).

Quando chegamos ao curso de formação de professores, deparamo-nos com práticas docentes retrógradas, em que as avaliações, por exemplo, são reduzidas a certos ritos, dogmas, e a uma repetição “sísifca”: seminário, prova, fichamento, artigo. Artigo, fichamento, seminário, prova (MACEDO, 2019).

Consideramos, também, que o estágio supervisionado se configura em um momento de “Descobertas”, e, ainda, de reconhecimento, de aprendizagem, de possibilidades e de potencialidades criativas. A prática do estágio curricular revela-se como um grande desafio para os futuros pedagogos, mas também caracteriza-se como uma ferramenta indispensável para que saberes sejam revisitados, renovados e construídos.

São valiosas as possibilidades e, diríamos, “oportunidades” formativas desenvolvidas no curso do estágio supervisionado na Educação Infantil. Uma delas se refere à vivência do graduando diante das práticas dos professores. É como se, de certa forma, entrasse em uma

“Casa dos Espelhos”, em que o aprendido e o vivido são confrontados, graduando e professor, *face to face*. É nessa fase da formação acadêmica que os conhecimentos teóricos são questionados, validados, revalidados ou não. Afinal, o que vem primeiro, a teoria ou a prática? A prática reconfigura a teoria? O inverso também é uma realidade? Estas são questões filosóficas fundamentais nesse trajeto.

4 A Aprendizagem Criativa no estágio supervisionado da Educação Infantil: o relato

A pesquisa em pauta refere-se ao Estágio Supervisionado I, do Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado de Pau dos Ferros. Hoje, o referido curso possui dois Projetos Pedagógicos de Curso de Pedagogia (PPCP), com duas matrizes curriculares em andamento, de 2013 e 2019. Referimos-nos, precisamente neste artigo, a matriz de 2013, em razão de que a turma a que aludimos neste trabalho, 6º período, encontra-se contabilizando a carga horária neste PPCP, em que o estágio supervisionado I possui 150h/a.

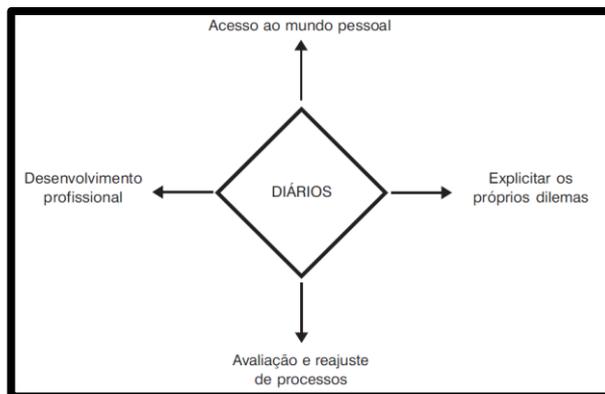
Ambas as matrizes definem que o Estágio Supervisionado, “[...] enquanto atividade teórica instrumentalizadora da *práxis*, não se limita à aplicação de técnicas aprendidas, de conhecimentos adquiridos na formação acadêmica” (UERN, 2013, p.67). Essa indicação abre a premissa para que os estágios se construam com base em uma orientação agregadora de saberes, de conhecimentos e práticas. Em outras palavras, permite-nos “ousar”, ou seja, fazer uso de abordagens pedagógicas que possibilitem que nos embrenhemos em experiências de aprendizagem como o modelo aqui proposto, a Aprendizagem Criativa.

O estágio se revelou a partir da experiência de Estágio Supervisionado I, e que apresentamos em forma de relato. Realizou-se no semestre de 2021.1, relativo ao período de 13 de julho a 13 de novembro de 2021, e envolveu as três professoras autoras deste artigo. Muitas foram as questões que nos assolaram, mas a principal delas, conforme já enunciamos, centrava-se na busca sobre como realizar um estágio que promovesse significativas e criativas aprendizagens, a partir do formato remoto que estávamos vivenciando. De fato, os/as alunos/as estavam apreensivos/as e nós, ocultando o nosso estado de ansiedade, para não causar maiores danos ao percurso que se colocava como de “incertezas” diante de nossos olhares. No início de nossas atividades, buscamos a realização de um planejamento literalmente de natureza holística, que contemplasse a integração de todos/as os/as professores/as do respectivo componente, envolvidos no processo. Nesse sentido, tivemos o total de sete professores/as, sendo, respectivamente, um professor e seis professoras. Em média, cada professor/a assumiu de 10 a 12 alunos/as, perfazendo um total de, pelo menos, 70 estagiários/as.

Selecionamos, como amostra desta pesquisa, uma turma piloto, com 12 (doze) alunos/as, em que consideramos os seguintes critérios: a) O grupo que estivesse sido lotado na escola *lócus* que já mantinha ligação com a professora de estágio (a partir de outras experiências presenciais); b) O envolvimento do grupo de alunos com a proposta; c) O grupo da supervisora de estágio que disponibilizou os “Diários de Campo Reflexivos” (DCRS) para fins dessa investigação. Foram, portanto, selecionados 4 DCRs, sendo cada um produzido em trio. Importante mencionar que os DCRs foram instrumentos utilizados por todos os docentes de estágio para avaliar a trajetória percorrida pelos/as estagiários/as, isso porque compreendemos que o percurso criativo que buscávamos exigia instrumentos compatíveis, e os DCRs possuem quatro âmbitos formativos que nos interessavam em particular (Figura 4):



Figura 4 - Âmbitos de impacto formativo dos diários



Fonte: Zabalza (2008, p.16).

Considerando a figura 4, dos quatro âmbitos assinalados, que incidem sobre a formação docente, destacamos em especial a interação entre as esferas profissional e pessoal, tão enfatizadas por Nóvoa (1995) em suas obras, sobretudo através do axioma “uma parte do professor é a pessoa e uma parte da pessoa o professor”. Vertente que também é robusta na Aprendizagem Criativa, já que os projetos se fundam nas conexões pessoais, em que a dimensão do ser é característica marcante.

Sobre os DCRs, Zabalza (2009) ainda nos revela a seguinte classificação: a) Organizador estrutural da aula: diários de sequência das atividades; b) O diário descritor de tarefas: com foco nas atividades do professor; c) O diário expressivo, que retrata características dos alunos e seus professores, que centram a atenção nos Seres partícipes do processo. Os DCRs que selecionamos para fins desta pesquisa, se qualificam exatamente nessa categoria pelo contexto descritivo que os caracteriza e pelo detalhamento com que foram escritos; chegando um diário a ter pelo menos 90 páginas, incluindo fotos das atividades realizadas. Importante informar que, nas análises, nomeamos cada diário a partir das seguintes siglas: DCR (1), DCR (2), DCR (3) e DCR (4).

A seguir, no Quadro 1, retratamos o passo a passo da análise documental, tomando-se por base os 4 Ps da Aprendizagem Criativa.

Quadro 1 - Passo a passo da Análise Documental (DCRs) e os 4 Ps da Aprendizagem Criativa

Os 4 Ps da Aprendizagem Significativa	OS ACHADOS
O Projeto	Os envolvidos, o <i>locus</i> da escola e o projeto de estágio
A Paixão: entre o aprender e o ensinar	Alegrias, sabores, dissabores, percalços e dilemas éticos do ensinar e do aprender
O Pensar Brincando	A vivência criadora
Os pares	Ninguém solta a mão de ninguém

Fonte: Das autoras, a partir dos Diários de Campo Reflexivos (2022).

4.1 O Projeto revelado

O *locus* da pesquisa foi uma creche-escola do Estado do Rio Grande do Norte, cidade de Pau dos Ferros, que, de acordo com DCR (1), “A escola deu início às suas atividades em 03



de Janeiro de 1997, desenvolvendo a etapa da Educação Infantil nos níveis de creche e pré-escola, com capacidade entre 51 a 200 matrículas [...] fica localizado em área urbana, característica da classe popular, na cidade de Pau dos Ferros/RN”.

A saída que encontramos para esse estágio foi a de investir criativamente nas tecnologias educacionais. Logo, partimos para a criação de *Scratches*⁵ (RESNICK, 2020), já que a escola possuía a proposição de realizar o que denominaram “Circuito”, em que, às segundas-feiras, as crianças tinham histórias contadas; às quartas-feiras, Musicalização e às sextas-feiras, Jogos Interativos. Os/as estagiários/as também estavam encarregados/as de criar atividades para casa. Orientamos que as tarefas teriam de incluir a dimensão da ludicidade integrada à da criatividade. Nos demais dias, as professoras da turma assumiam os trabalhos. As aulas poucas vezes passavam de 1 hora diária, e contavam com a participação dos familiares, uma vez que se tratavam de crianças de dois a cinco anos. Isso nos remeteu a situações das mais inusitadas possíveis, desde a evasão das crianças em certos dias, assim como a vivência de situações corriqueiras experimentadas pelas famílias. Ou seja, acabávamos compartilhando a intimidade dos lares. Em certa feita, vivenciamos a “fuga de uma galinha” em plena aula, já que as famílias se situavam em zonas rurais.

Os/as alunos/as estiveram na escola em formato *on-line* do fim de setembro a outubro de 2021, conforme o quadro organizacional a seguir (Quadro 2).

Quadro 2 – Organização das instâncias do estágio, temáticas semanais e planejamento

PERÍODO (2021)	INSTÂNCIAS DO ESTÁGIO E TEMÁTICAS	ENVIAR PLANEJAMENTO À SUPERVISÃO DE ESTÁGIO E ESCOLA
20 a 24/09	OBSERVAÇÃO E PLANEJAMENTO	-
27/09 a 01/10	OBSERVAÇÃO E PLANEJAMENTO	-
04/10 a 09/10	REGÊNCIA Os Direitos das Crianças	01/10
11/10 a 14/10	REGÊNCIA Brinquedos e Brincadeiras	08/10
18/10 a 23/10	REGÊNCIA Respeito à Diversidade	14/10
25/10 a 30/10	REGÊNCIA Os valores: O respeito	23/10

Fonte: A partir de reunião da supervisão de estágio com gestão da escola *locus* (2021).

⁵ É um ambiente de programação criado por Resnick, em que crianças e professores podem gerir os seus próprios espaços criadores de histórias, jogos, animações, aulas etc. O ambiente pode ser acessado através do site: scratchfoundation.org. *Scratch* também traz embutida a ideia de pensamento “criativo”.



Conforme o Quadro 02, as semanas foram estruturadas por temáticas traçadas coletivamente por todas as creches do município e repassadas a nós pela supervisão da escola. Assim, às segundas, às quartas e às sextas-feiras, nossos/as alunos/as teriam de buscar desenvolver os temas, e o fizemos através dos *Scratches*, em que os estagiários/as foram também em busca de várias plataformas para criar suas próprias histórias, animações, aulas e jogos de teor interativo.

O projeto incluiu ainda duas formações, em que contou com a participação de alunos/as egressos/as da graduação e que já tinham familiaridade com o trabalho criador *on-line*. Assim, as duas oficinas foram organizadas: uma de jogos e outra de contação de histórias e musicalização, em que várias plataformas para realização de *Scratches* foram divulgadas, incluindo editores de vídeos. Então, de uma hora para outra, nós, professoras e alunos/as, de certa forma, viramos *Youtubers*:

Figura 5 - Editor de vídeo gratuito utilizado nas aulas



Fonte: Planejamento das professoras de estágio (2021).

4.2 A Paixão: entre o aprender e o ensinar

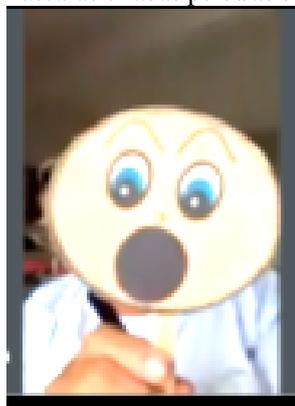
A paixão é uma emoção, e as emoções, segundo Solomon (2015), geram *insights* e entendimentos sobre o mundo que nos rodeia, ao mesmo tempo que indicam a forma como gerenciamos este mesmo mundo. Logo, para gerir o ato pedagógico de ensinar, de maneira a promover aprendizagem criativa, tivemos de nos debruçar sobre nossas emoções e admitir que a “paixão” pelo ensinar e o aprender teriam de fazer parte de nossos planejamentos. Nesse sentido, os DCRs nos revelam que a paixão contempla não só alegrias e sabores, mas dissabores, percalços e dilemas éticos. Foram momentos que conectaram o pensar ao sentir:

- a) Dissabores: “O contexto em que vivemos expõe ainda mais a carência da rede pública de ensino. Aprofunda o abismo entre as classes sociais [...], também nos deparamos com a carência e a inacessibilidade da turma aos recursos tecnológicos, as condições de participação na aula e de contribuição da família na execução das atividades” (DCR2);
- b) Percalços e dilemas éticos do ensinar e do aprender: instauração das incertezas “o medo desse formato *on-line* acabar com a nossa primeira experiência no estágio que já havíamos idealizado de outra forma [...] Dessa forma, era um caminho cheio de incertezas [...] os desafios existiram do começo ao fim. (DCR 3). Presença de “dúvidas”: “Será que vai funcionar?” “Será que somos capazes de dar conta?” “Será que os alunos vão assistir às nossas aulas?” (DCR 3);
- c) Alegrias: os/as estagiários “começam acolhendo com alegria a única aluna (nome) que entrou para assistir à aula” (DCR 4). Este foi um aprendizado grandioso: ensinar é a prioridade, dar o melhor de Si é a prioridade, mesmo que seja para um/a aluno/a;



- d) Sabores: mesmo à distância, as estagiárias fantasiaram-se, produziram máscaras de acordo com as histórias criadas, a fim de promover um espaço lúdico e criativo para as crianças:

Figura 6 - Máscaras criadas pelos/as estagiários/as



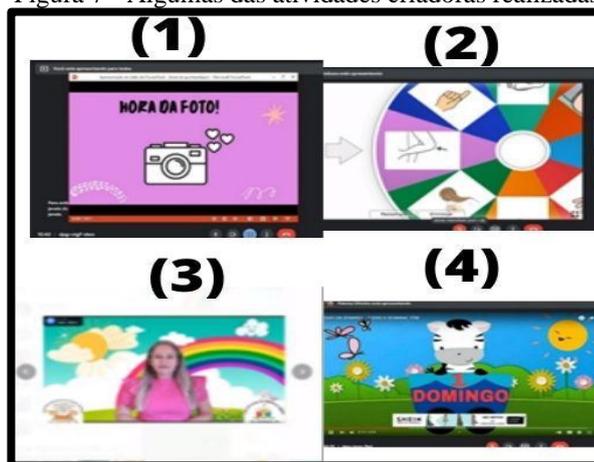
Fonte: Diário de Campo Reflexivo 1 (2021).

4.3 O pensar brincando: A vivência criadora

O brincar criativo foi realmente o recurso fundamental para que o estágio acontecesse. Narram os/as estagiários/as: “[...] planejamos o trabalho com os brinquedos, interagimos com elas através de perguntas instigantes sobre o brincar. Exploramos, através dos questionamentos, se elas brincam em casa, e com quais brinquedos, fazendo-as entender a importância de a criança poder brincar, e sobre as brincadeiras” (DCR 1). O brincar foi ainda motivo para que as crianças refletissem sobre seus direitos, ainda que em linguagem próprio.

A vivência criadora, portanto, foi dimensionada na revelação da “discência criadora”, manifestada nas diversas atividades pedagógicas:

Figura 7 - Algumas das atividades criadoras realizadas



Fonte: DCR 2 (2021).

A Figura 7 denota que houve um redimensionamento acerca do “brincar”, antes associado aos espaços amplos, ou conforme explicita Resnick (2020, p.156), “Brincar não exige espaços abertos ou brinquedos caros, requer somente uma combinação de curiosidade, imaginação e experimentação”. As imagens referem-se precisamente a: 1 – Hora da Foto, em que as crianças faziam poses para “tirar” fotos e contar novas histórias sobre estas; 2- Roleta

dos cuidados com o corpo, jogo lúdico; 3 – Contação de histórias com recurso *Chroma Key* (aprendido pelos/as estagiários/as); 4 – Histórias recontadas. Do exposto, podemos afirmar que a vivência criadora se multifacetou, a partir dessa compreensão, somada à ideia de que “Brincar é experiência atemporal e não local”.

4.4 Os pares: ninguém solta a mão de ninguém

A educação se faz a partir das parcerias, não podemos ser solitários nesse labor. Esta aprendizagem foi realmente demarcada nos DCRs:

“É também neste momento que criamos laços de amizade, de carinho para com nossos professores, bem como aprendemos os valores que levaremos para o nosso futuro” (DCR 1).

“Citamos como pontos positivos as novas experiências construídas através dos estudos teóricos e a efetivação da prática, troca de aprendizados com as professoras da instituição escolar e a importância do trabalho em equipe” (DCR 2).

“(..) nós, professores, assim como toda a equipe escolar desenvolverá uma relação de confiança e aprendizagem com os alunos, além de proporcionar uma formação íntegra proporcionando o êxito na área profissional, e acima de tudo, nas áreas ética e moral” (DCR 3).

Essa descoberta nos remeteu a outra questão fundamental, a construção de “comunidades de aprendizagem” (RESNICK, 2020, p.125). Diferentemente das experiências presenciais, identificamos um sentido de “ajuda mútua” entre todos/as os/as estagiários/as, e não somente entre os pares que estariam nas salas de aula. O mesmo aconteceu entre os/as professores/as do estágio, que buscaram solucionar os erros do caminho em “comum + unidade”. Os erros, nesse contexto, passaram a ser redimensionados, a adquirir um novo olhar, “Se você não estiver preparado para errar, nunca criará nada original” (RESNICK, 2020, p. 174). Foram os erros e o medo de errar que impulsionaram novas aprendizagens, como aquelas que aconteceram na esfera das novas tecnologias, assinaladas por DCR 4: “[...] por maiores que sejam os desafios, existem também inúmeras possibilidades de trabalhar remotamente com os alunos, usando como auxílio as ferramentas *Power Point*, *Google Meet* conseguimos deixar as aulas mais atrativas para as crianças”. Em suma, compreendemos que a Aprendizagem Criadora é, antes de tudo, um processo de metamorfosear-se.

5 Em tom de arremate...

O estágio supervisionado é bagagem indispensável ao graduando de Pedagogia, porque permite, durante a formação acadêmica, uma aproximação com o cotidiano laboral do professor, dos educandos e, a partir dessa experiência, o futuro pedagogo se identificará (ou não) como profissional da educação. Porém, a grande questão que se apresentou neste trabalho, a partir desse relato de experiência com base nos DCRs, foi o desafio no sentido de encontrar um atalho que nos tirasse do sentimento de que estávamos como um “barco à deriva” diante de ter que realizar um estágio para a Educação Infantil, com 70 alunos do curso de Pedagogia, em formato remoto.

Foi com base na Aprendizagem Criadora que chegamos ao entendimento de que podíamos criar uma nova experiência, podíamos “criar coisas”, podíamos criar uma nova

cultura, a “cultura do movimento *maker*” e que não era “suficiente fazer algo”, mas que era “preciso criar algo” (RESNICK, 2020, p.67). Foi assim que percebemos a necessidade da imersão em Si, para que descobríssemos nossas potencialidades. Acabamos por identificar que nós, professores/as, tínhamos um modelo pré-formatado em nossas mentes acerca do que deveria ser um estágio. O mesmo acontecia com os/as alunos/as. Concebemos que a primeira grande ruptura se processou de forma interna, em que tivemos de soltar os “grilhões” das certezas que possuíamos acerca do que deveria ser um “estágio supervisionado” sob moldes de uma metodologia criativa e ativa. Tivemos inúmeros encontros envolvendo alunos/as e professores/as para conseguir, “não” retomar a rota conhecida, mas para colocar a nossa embarcação em mares nunca dantes navegados. Acreditamos que o primeiro movimento de criatividade foi mesmo nosso, enquanto professores/as, quando reconhecemos que era preciso “imaginar um novo tipo de centro de aprendizagem que atendesse às necessidades e aos interesses dos jovens” (RESNICK, 2020, p.93).

A resposta, portanto, à nossa questão norteadora acerca de “Como realizar um estágio que promovesse significativas e criativas aprendizagens, no formato remoto?” se deu a partir das decisões que tomamos, em parte aqui descritas, e que imbricaram em caminhos que nem sempre consistiram em “atalhos”. Os DCRs, por exemplo, foram, na verdade, diários de bordo, e ajudaram os/as estagiários a tecerem também os seus trajetos. No percurso, detectamos, principalmente, as lacunas que os cursos de formação de professores possuem no que se refere à educação criativa e criadora. Diríamos, ainda, que as portas nem sempre se abriram para que nós, alunos/as e professores/as, superássemos esses “vazios formativos” e os desafios enfrentados. Entretanto, a jornada nos permite apontar alguns possíveis encaminhamentos e possibilidades para um estágio na Educação Infantil, tendo como foco a Aprendizagem Criativa. Os pontos que levantamos emergem no sentido de agregar valores tanto à formação docente, quanto ao trabalho pedagógico no espaço escolar da Educação Infantil. Ei-los:

- a) Criação de “comunidades interativas”, entre as escolas de Educação Infantil e a Universidade, favorecendo a formação de redes de estudos e práticas sobre a Aprendizagem Criativa;
- b) Suscitamento nos cursos de formação de professores de um movimento didático-científico nas esferas do ensino, da pesquisa e da extensão encampando as temáticas relativas à Aprendizagem Criativa;
- c) Disseminação dos resultados acerca da Aprendizagem Criativa em publicações e eventos de natureza diversas, de modo a provocar o aparecimento de oficinas, cursos de média e longa duração (*lato-sensu*).
- d) O relato em questão, nos transformou, e foi, de forma criativa, uma oportunidade de estudos, de capacitação e de autoconhecimento, em que arrematamos que a “arte de ensinar consiste em começar ensinando primeiro a si mesmo” (PECOTCHE, 1997).

Referências

AZEVEDO, Magnólia; MENIN, Alessandra. O pedagogo além do espaço de sala de aula: uma análise teórica e empírica empresarial. *In*: KOCHHANN, Andréa (org.). **Pedagogia em espaços não-escolares**: uma discussão à luz do trabalho pedagógico. Goiânia: Kelps, 2021. Disponível em: https://kelps.com.br/wp-content/uploads/2021/03/pedagogia_em_espacos_nao_escolares_ANDREA.pdf Acesso em: 23 mar. 2022.



Recebido em março de 2022.

Aprovado em maio de 2022.